

Mediação em arte

**Entrevista com Wendy Woon realizada no SESC,
Rio de Janeiro, 11 de novembro de 2022.**

Entrevistadores: Ana Tereza Prado Lopes e Tania Queiroz.

Transcrição : Isabelle Baroni

Tradução : Tania Queiroz

Revisão: Ana Tereza Prado Lopes

Ana Tereza: Antes de mais nada, muito obrigada por esse momento. Achei muito interessante você abrir a palestra ou a conversa questionando a palavra “mediação”. Você poderia nos contar um pouco sobre sua experiência com mediação?

Wendy Woon: Com certeza. A palavra mediação geralmente não é usada na Grã-Bretanha ou nos Estados Unidos, no campo da educação em museus. Eu também não creio que seja usada no Canadá. É um termo que está sendo usado eu sei, na Alemanha e na França, a partir de Carmen Morsch, que é uma educadora, acadêmica, mas não faz muito tempo, talvez desde 2010. Eu sei que é usado também no México, e aqui. Jessica Gogan me disse que começou a ser usado aqui nos anos 1990, inicialmente, em torno de exposições blockbuster e então meio que se transformou e houve um pensamento de que poderia se expandir para além de estar apenas a serviço de exposições ou objetos de arte. E eu concordo com esse pensamento ou conceito de que a mediação nem sempre tem que ser sobre uma coisa. Pode ser motivado por uma ideia ou uma interação de algum tipo. Depende.

Como artista, sinto que os artistas podem inspirar algumas das maneiras pelas quais abordamos a mediação, e de formas mais criativas. Acho que a habilidade em mediar não está em somente falar sobre arte. Há tantos outros sentidos que podemos usar, e caminhos criativos que podemos trabalhar pensando sobre mediação.

Acho que me aproximo do conceito de engajamento. Eu sempre penso nisso como uma espécie de facilitação, que provavelmente é uma palavra que usaríamos mais comumente em inglês, pelo menos no meu círculo. Aquela ideia de unir as pessoas, ver as coisas de diferentes perspectivas, acolher a diversidade de opiniões, ou formas de expressar ou pensar sobre as coisas. Estou realmente interessada nisso.

Estava em uma conferência em Nápoles, e a dança parecia ser um grande denominador comum em workshops e movimento, usando a música para reunir as pessoas, músicas favoritas, diferentes formas de se envolver de maneiras muito físicas. E acho que estamos indo além da ideia de que o cérebro é, você sabe, que intelectualmente, corpo e mente precisam estar interconectados. E precisamos realmente acatar que existem muitas ma-

neiras de conhecer. E isso nós temos, nossos sentidos são uma boa parte disso também.

Também estou interessada em rituais, e na ideia de que “rituais” é como nos reunimos em torno de eventos que têm significado. Certamente o online se tornou uma forma das pessoas começarem a se conectar, criando rituais para reunir grupos no início, no final, no meio, em diferentes maneiras de se reunir.

Pessoas que me interessam agora em termos de pensamento, Priya Parker é alguém que eu consulto para pensar sobre quais são algumas das melhores estratégias para unir as pessoas, pois também atua como mediadora política e trabalhou em negociações no Oriente Médio. Ela escreve e pesquisa em torno de como unir as pessoas de maneiras que sejam significativas, propositivas e poderosas. E isso é algo que deveria estar fomentando estratégias de mediação, e como podemos fazê-lo.

Como fazer com que as pessoas ultrapassem os limiares. E pensar em limiares é um conceito importante também. O que o convida a entrar? O que o mantém fora? Quais são as coisas simples que você pode fazer como estratégias para unir as pessoas? E como estruturar algo? Quais locais você escolhe? Museus são lugares intimidadores. A cultura é intimidadora.

Então, por onde começar? Você pode começar em um lugar diferente? Como criar intimidade, intimidade psicológica, que possa amenizar algumas das questões assustadoras envolvidas em visitar um museu? Então, esses são os tipos de coisas que eu estou procurando.

Outra pessoa que me ajudou foi Fred Dust. Ele escreveu um livro chamado “Making Conversation”, e está fazendo consultoria. Ele é designer e arquiteto, foi sócio da IDEO, a empresa de design. Mas uma das coisas que achei muito interessante, talvez por minha formação como escultora, é pensar no espaço físico e em como o espaço físico afeta a forma como nos reunimos e nos movemos. Mesmo em um museu, um dos desafios no MoMA foi identificar desde o ato de entrar nessa porta, até quanto tempo vai levar para estar onde você tenha, de fato, uma conversa em frente a uma obra de arte? Se você tem uma hora... Então, o que se pode fazer ao longo do caminho que o torne interessante, que se torne parte do ritual, que se torne parte da jornada? E, assim, pensar sobre a conceitualização da mediação de forma a torná-la continuamente envolvente.

Além disso, a flexibilidade para criar uma dinâmica que tenha estrutura suficiente, mas que tenha abertura e possa funcionar organicamente. Para responder a alguém, para responder a algo que aconteça. Porque é como a vida, precisamos não ser rígidos, mas fluidos.

Parte do treinamento que é útil para os mediadores é o teatro de improvisação. Para ser capaz de se levantar, e falar, e responder imediatamente é necessário ter esse tipo de agilidade. Mas, igualmente, estudar e fazer sua pesquisa com antecedência. Priya sempre diz que 90% do sucesso de qualquer encontro está no trabalho que você realizou antes, o pensamento sobre ele. Então, mesmo quando estava ensinando, eu mudava a aula toda semana com algo diferente.

Eu geralmente começo minha aula dessa forma, e aprendi isso com um amigo. Eu rompo a ideia de sala de aula, porque não quero que pareça uma sala de aula. Retiro todas as mesas e jogo todas as cadeiras em uma grande pilha no meio. E convido as pessoas a entrarem, e elas geralmente ficam chocadas. Mas para pegar uma cadeira e formar seu próprio grupo. E essa ideia de como vocês se colocam em relação uns aos outros faz parte desse processo. E romper com essa ideia de que a aprendizagem acontece em uma sala de aula, e que há certos comportamentos que são aprendidos, e você se comporta de uma certa maneira, é como eu penso, tentando atrapalhá-la o tempo todo.

Algumas vezes, ao conhecer grupos, faço um convite pessoal a cada um. Algo para surpreender, ou algo para fazer, ou algo para segurar... como você termina alguma coisa... Você lhes dá, talvez, uma tarefa ou uma coisa para pensar quando se forem.

Você está sempre pensando em como ser um bom anfitrião também. E isso é sobre ser um bom humano, certo? E considerar as necessidades das outras pessoas. Então, quando Leonardo¹ falava de pessoas com deficiência, é aí que você começa. Você assume que não sabe tudo. Você começa perguntando às pessoas o que elas precisam e quais podem ser barreiras que as impeçam de participar. Às vezes, é atitudinal. Na verdade, a maioria

1 Leonardo Castilho, palestrante do Seminário Internacional de Mediação Cultural, realizado no Sesc Flamengo, em 2022

das pessoas com deficiência diz que o maior desafio para elas não é físico. Em outras palavras, são as atitudes das outras pessoas em relação às pessoas com deficiência. E então, como você pode mudar essas atitudes? Como você pode mediar esse tipo de experiência, se possível?

AT: Você mencionou a sala de aula e ensino, eu também sou professora. E estou pensando nisso. Você trabalhou por vários anos no MoMA, certo?

WW: Quatorze anos.

AT: Catorze. E, na verdade, tenho recebido os e-mails deles, porque os acompanho, as práticas de ateliê, a escola e os professores.

WW: Sim!

AT: Muito bom, na verdade, os PDFs são maravilhosos. Muito concisos com as atividades, também... Mas como fazer com que essa lacuna seja mais estreita, em termos de significado? Como você mediará uma escola e um museu? Porque, por exemplo, no Brasil... Vou apenas trazer uma coisa, não temos, praticamente, essa cultura de ir a museus. Fazemos um grande esforço na UERJ, onde leciono. Mas como você pode fazer essa conexão? Esse diálogo entre as duas instituições, a escola e o museu.

WW: Às vezes você vai até a escola, porque eles não podem vir ao museu. O mesmo com os idosos. Alguns deles não podem vir. Então, é realmente pensar em como trazer... Em primeiro lugar, começando com o que eles precisam primeiro. Jovens encarcerados. Outra população. E ouvir o que eles precisam primeiro, e construir a partir daí.

Eu sempre penso sobre o Museu de Arte Contemporânea de Chicago, onde tinha essa mulher incrível que trabalhou com novos imigrantes do México. Há uma grande população mexicana em Chicago. E ela estava trabalhando com um grupo local, num lugar em que eles viriam e passariam o tempo, e então, ela perguntou o que eles queriam fazer, e eles disseram a ela, este é, você sabe, Museu de Arte Contemporânea. Gostaríamos de aprender o manuseio de couro. E ela veio até mim e disse, eles querem aprender o manuseio de couro. E eu fico tipo, manuseio de couro? E ela disse temos que começar onde as pessoas estão, onde estão as suas necessidades, onde estão os seus interesses. E eles disseram, manuseio de couro. Vamos lá. Então, o que era tão interessante era que, no final daquele ano, eles estavam fazendo... eles estavam indo para a praia e fazendo essas instalações do tipo Annamieka e pré-instalações e coisas. Porque eles começaram lá, o que os levou a um lugar diferente. E assim, acho que às vezes trata-se de como ser receptivo ao que as pessoas realmente precisam e querem. E ver onde estão seus interesses e para onde você pode levá-los. É assim que eu descreveria. (Essa é uma ótima imagem!)

Tania Queiroz: Gostaria de falar um pouco sobre a dimensão turística do museu. E o enorme, enorme-

WW: Enorme, enorme, volume.

TQ: Mais uma vez, um pouco de aprendizado, pensamento e conversa. Como fazer isso?

WW: Começamos a experimentar com esses pequenos espaços. Esses cantinhos. Tipo, encontrar pequenos espaços íntimos. E demorou dez anos. Esse é o primeiro. Começamos curadoria por curadoria. Descobrimos... Em primeiro lugar, no centro de educação. Começamos fazendo esses ateliês. Começamos com a Bauhaus. Porque um curador de arquitetura estava fazendo seu trabalho, e estava ansioso por nós. Ele tinha o perfil de pro-

fessor, e estava bem com isso. Esse foi o nosso primeiro experimento. E então começamos a fazer pop-ups. Pequenos espaços em que as pessoas vinham, e depois podíamos programá-los. Às vezes seria a partir de um desenho ou algo assim. Às vezes era muito trabalhoso. Então, um trabalho árduo onde, você sabe, como se um curador tivesse um único rótulo, e o trabalho realmente não era fácil, nós trabalhávamos em algumas ideias conceituais que estavam relacionadas a ele.

Mas aqui estão algumas ideias que são conceitualmente assim. E o curador estava bem com isso? Eles estavam tipo, sim, isso é bom. E as pessoas... Começamos a fazer pesquisas com cada um deles. Então, a pesquisa sempre foi uma parte disso. Contratei uma pesquisadora qualitativa para o departamento em tempo integral. Essa foi uma das primeiras coisas que fiz. E depois ela ensinou outras pessoas. E também trouxemos curadores para o processo. Outras pessoas. De modo que, como você sabe, se fosse digital ou o que quer que fosse, sempre teríamos algumas ideias concretas. Mas o mais importante era que tínhamos ótimas contribuições de diversas pessoas, tínhamos vozes de pessoas dizendo o que era necessário. Então, até para aquele pop-up inicial com o curador que não estabeleceu nenhum rótulo. Ele adorou saber que esse visitante não tinha expectativa... sequer que ia entrar naquela exposição - mas que teve essa experiência incrível e queria contar para outras pessoas sobre isso. E as pessoas falariam sobre esse tipo de experiência transformadora. E assim, usamos esses dados para informar cada um deles. Na verdade, refinou algumas das atividades também. As pessoas diziam isso não funcionou bem para mim ou eu não entendi isso, e então podíamos realmente mudar as coisas.

Então, eventualmente, o que aconteceu com isso foi... muita luta para eu conseguir um pouco de espaço. E, à medida que eles se expandiam, essa foi uma luta enorme, enorme para mim, porque todos os curadores queriam todos os centímetros possíveis. Mas, acho que nosso diretor viu a necessidade de algum tipo de atividade participativa envolvente. Fui autorizada a usar este espaço, este belo espaço de uma galeria de design do terceiro andar com vista para o jardim. E nós enfrentamos juntos. Foi um enorme sucesso. E se tornou, tipo, um laboratório para estudar como as pessoas se envolvem, e as histórias foram incríveis. Chamava-se "Design... The People's Studio: Design, Experiment, Build". E estava relacionado com uma exposição do arquivo de Frank Lloyd Wright, mas também havia uma exposição de Rauschenberg ao mesmo tempo. Então, conseguimos desenhar temas a partir disso. Mas havia áreas em que isso estava sempre sendo facilitado. E essa é

a parte crítica, com o facilitador é uma conversa diferente. O que aprendemos em nossos experimentos anteriores foi que, se alguém chegasse a um espaço e alguém dissesse: “Bem-vindo. Deixe-me mostrar-lhe o lugar e o que você pode fazer aqui. Deixe-me ajudá-lo com isso, isso, isso” a pessoa passava muito mais tempo naquele espaço, passava o dobro de tempo no espaço se tivesse alguém que o orientasse. Então, a orientação como uma parte muito importante da facilitação, certo?

Ter alguém te convidando, e as pessoas gostam de saber o que vão fazer, não é? Eles não querem ser confundidos. E mesmo quando você está ensinando ou o que quer que seja, é como, “aqui está o que vamos fazer hoje. Vamos fazer isso, isso e isso. Isso ajuda as pessoas a relaxar e meio que enquadrar o que você vai fazer. E assim, sabemos que isso é útil para as pessoas que estão visitando também. O que era tão importante nesses espaços uma vez que se tornaram espaços sociais.

WW: e as pessoas que são turistas! Estavam se encontrando, conversando entre si. Havia histórias incríveis de crianças ajudando adultos a desenhar porque eles nunca tinham desenhado antes. Ou, você sabe, apenas histórias incríveis. A outra coisa que eu ia mencionar era o que aprendemos com nossos primeiros cursos online. Então, Denise (Araripe), você estava na primeira turma. Foi um experimento. Aquelas aulas foram um experimento. Nós realmente não tínhamos a tecnologia. Tivemos aulas presenciais. E lembro-me de tentar decidir, o que vamos fazer? Então, falávamos assim, temos que fazer uma aula de história da arte. E eu disse, vamos tentar uma aula prática, de ateliê, porque isso soa ótimo. Sim. Então, fizemos uma aula de ateliê e tivemos um instrutor fantástico, Corey D’Augustine, certo? Então, fizemos esses dois cursos. Os cursos práticos foram se multiplicando. Eles tinham que fazer depois de nós. Não tínhamos infraestrutura.

Denise: Pablo Rivera...

WW: Sim, Pablo Rivera...

Denise: Sim.

WW: Sim. Então, começamos a fazer esses cursos. E era realmente como uma indústria caseira e é claro, o museu estava se perguntando o que eles estão fazendo lá? Por que essa pessoa está fazendo isso? Por que eles têm isso? Por que a educação está fazendo todas essas coisas divertidas? E então, depois de cinco anos, percebemos que estávamos atingindo apenas uma pequena quantidade de pessoas, particularmente uma população como eu, certo? (riso). Havia um membro do comitê curador que me disse, “você precisa conhecer, você deve pensar em como você poderia chegar à Coursera. Então, vínhamos ganhando dinheiro com esses cursos? Mas estava servindo um pouco de backup. Então, o Coursera, nós entramos em contato com eles e intermediamos uma parceria e somos o único museu de arte, eu acho, ainda no Coursera. Então, na verdade, eles realmente nos ajudaram a melhorar a qualidade do ensino, porque eles têm toda a infraestrutura.

Para o MoMA, acho que foi melhor, porque não tínhamos infraestrutura para fazer as coisas, para o marketing, tudo isso. Mas na verdade fomos criativos em parte do nosso marketing e eles aprenderam conosco. Então, isso foi interessante. Trabalhando com artistas e usando suas redes também, em alguns dos cursos e alguns dos vídeos. Isso foi muito útil para nós. E os dados que apreendemos no modo online também serviram presencialmente.

E tínhamos um espaço infantil que experimentamos e depois fizemos um aplicativo. E houve idas e vindas entre o que aprendemos online e o que descobrimos sobre o aplicativo, mas não foi apenas para crianças, os adultos também adoraram. E assim, você sabe, como você pode criar momentos - eu sempre me lembro daquela primeira experiência de ateliê, em que tivemos uma citação de um arquiteto que disse: “Oh, eu simplesmente amo isso! Tenho que trabalhar com clientes o tempo todo. Eu nunca consigo fazer nada por mim. E isso é tão divertido porque eu posso apenas brincar”, certo? Então, são coisas assim.

Acho que a realidade é que um museu pode ser mais do que apenas olhar para a arte e que pode oferecer esse tipo de experiências facilitadas. A gente adora ter contato com pessoas, não é?

Quer dizer, se você falar com alguém no elevador, é como... alguém do MoMA falou comigo no elevador! (risos) No Museu de Arte Contemporânea de Chicago experimentamos todos esses tipos de coisas também. Trabalhávamos lá. Trabalhamos muito com a comunidade de pessoas com deficiência, fizemos um grande festival de arte para pessoas com deficiência, fizemos parte disso. Fizemos uma parceria incrível com algo chamado Little City Foundation na Palestina. É uma residência para adultos com dificuldades de aprendizagem. E eles tinham um programa de artistas que foi iniciado por alguns professores do Instituto da Escola de Arte. Havia um programa semelhante em Hamburgo, na Alemanha, e eles se reuniram na cidade. Eles fizeram uma grande exposição, mas nós os recebemos como artistas, e eles fizeram uma série de projetos, conversas e instalações que foram realmente incríveis.

Então, a outra coisa que eu diria em termos de deficiência é treinamento. No início da minha carreira, eu trabalhei no Departamento de Artes Criativas do Museu Real de Ontário, em Toronto. E tinha um programa, e uma moça incrível, a Pina, que usava cadeira de rodas, vinha trabalhar com a gente todos os dias e tinha a vaga e a assistência, o apoio. E o melhor eram as conversas que você tinha sobre a vida. Então, a Pina gostava de me contar tudo sobre sua vida sexual, e era tipo, ah, tudo bem! Eu nunca tinha pensado nisso! (risos) Mas ela gostava de me dizer que ela era como todo mundo, e foi extremamente educativo para mim. Ela falou muito sobre como seu pai tentou curá-la quando criança e a levou a todos os tipos de lugares diferentes, e como isso era perturbador para ela e frustrante ser vista como alguém que tinha que ser curado.

Então, curiosamente, acabei indo para o meu próximo emprego e a contratei novamente. (risos) Mas foi extremamente informativo para mim. E acho que no trabalho depois disso, fizemos muito...Eu trouxe alguém para fazer treinamento para nós. E não era só no nosso departamento, mas em todo o museu. E foi muito útil e educativo. E aí, quando fui para o Museu de Arte Contemporânea, foi a mesma coisa. Eles já têm ótimos programas para pessoas com deficiência. Eles realmente foram pioneiros em alguns dos programas para pessoas com Alzheimer e seus cuidadores. Mas tudo isso foi trazendo pessoas que realmente conhecem a questão, e que estão testando constantemente.

Por exemplo, é obrigatório fazer treinamento de assédio sexual online. E o museu deve oferecer treinamento para trabalhar e se envolver com

pessoas com deficiência. E agora, isso é algo que eles realmente precisam adicionar, e eles o fizeram através de uma série completa de vídeos, não sei se você os viu ou não, eles estão online. Há pessoas com deficiência no MoMA falando sobre por que vir ao museu, e as facilidades que existem para elas. Ou querem que o museu saiba. E há recursos que qualquer pessoa pode usar para treinamento. E isso realmente mobilizou o diretor. Ele disse que mudou sua perspectiva ao fazer parte desses vídeos também. Então, às vezes, seu objetivo de educação deve ser interno para realmente atender melhor aos outros.

AT: Sim, eu estava pensando sobre o termo que você disse aqui hoje, e disse no vídeo. Acho que é uma palavra nova.

WW: Ah, sim, sim. Você fez sua pesquisa!

AT: Pedagogia invisível?

WW: Ah, pedagogia invisível.

AT: Sim.

WW: É um coletivo. Uma das pessoas que trabalhou com eles veio para o MoMA porque ela estava fazendo sua tese, sim, sua tese, PhD, sobre arquivos -arquivamento. E por acaso vi que um dos meus outros objetivos com a história do departamento de educação no MoMA, era invisível.

E o que eu encontrei quando comecei isso, foram 32 anos de trabalho incrível. E eles estavam em caixas nos porões do Teachers College na bi-

biblioteca. E isso demorou cinco anos, mas acabamos pegando-os de volta do Teachers College e catalogando-os. E eu os contratei para catalogá-los e desenvolvê-los para publicar. Enfim, é importante ter o histórico da educação e mediação e toda a pesquisa documentados. Isso é algo que eu não mencionei tanto hoje, se é que eu provavelmente deveria ter, mas que experimentação e pesquisa têm que andar de mãos dadas. Você perguntou sobre pedagogia invisível e como definir o termo, algo que me inspira também. O trabalho que eles fizeram foi pensar sobre esse tipo de micro coisas que realmente afetam, se a porta está aberta ou fechada. Quais são todos os sinais e símbolos que afetam como você se sente sobre isso? É como a atividade da mesa sendo jogada no meio. Eu acho que sempre se deve ter essa criticidade de pensar sobre como estruturar as coisas ou sobre as coisas que você toma como certas, como usar uma sala de aula.

AT: Exatamente.

WW: Como você pode mudar isso. Por exemplo, fizemos uma pesquisa sobre um programa para jovens LGBTQ. E, você sabe, apenas perguntando a eles o que tornaria confortável entrar em um museu? Não estavam entrando naquele museu. Era ter uma sala de aula, muito discreta, na porta, no andar de baixo, que era o espaço deles. Então, eles sabiam que poderiam entrar a qualquer momento.

WW: Um dos desafios era que não tínhamos banheiros que não fossem de gênero. E consegui que isso acontecesse. Então, coisas assim. Não foi nem quando eles estavam repensando o prédio. Lembro-me de ler um artigo de que se tem que pensar sobre isso. E fizeram. Então, eles fizeram esse tipo de mudança em resposta a isso. Parece uma norma agora, mas naquela época, não era necessariamente. Isso foi provavelmente há alguns anos. Então, pedagogias invisíveis são realmente... Também me inspiro muito, muito em Reggio Emilia. Eles realmente, você sabe, quem são, abordam a educação. E eu gosto muito, muito da prática artística. Então, isso continua me empolgando e informando meu pensamento.

AT: Muito obrigada. Tantas coisas para pensar...

WW: A vida é emocionante, certo?